

OS ESTRANGEIRISMOS DA ÁREA DA INFORMÁTICA NO AURÉLIOXXI¹

Waldenice Moreira CANO²

Daniela de Faria PRADO³

- RESUMO: Este trabalho objetiva refletir sobre as inserções de estrangeirismos da área da Informática oriundos do inglês e registrados no Dicionário *Aurélio XXI*. Após a coleta e análise das cento e vinte e duas unidades marcadas, verificamos que faltam critérios confiáveis para a inserção dessas unidades no dicionário em questão.
- PALAVRAS-CHAVE: Lexicologia; lexicografia; empréstimo lingüístico; estrangeirismo.

Introdução

Como depositário da cultura de uma época, o dicionário não apenas descreve, mas também registra a norma social dessa época, com seus valores, suas interdições, as suas marcas de uso, à qual os sujeitos falantes devem se submeter. É com base nessa norma que os membros de uma comunidade julgam socialmente o comportamento uns dos outros: alguns são aceitos, outros descartados ou condenados. Nesse sentido o dicionário não é nem puramente descritivo, nem puramente normativo. É, antes de tudo, uma obra didática.

Assim, o acervo de conhecimentos técnico-científicos de um povo é, também, parte da sua cultura; assim, o dicionário, ao registrar as unidades especializadas, registra, também, os termos da técnica e da ciência de uma comunidade numa determinada época. Um consulente procura no dicionário o aval para empregar determinada palavra ou para esclarecer dúvidas sobre seu uso ou o domínio a que pertence. O dicionário não é, pois, apenas o reflexo da cultura característica de um povo, como também registra o saber científico

¹ Este trabalho é o resultado da pesquisa de Mestrado de Daniela de Faria Prado, sob orientação da Profa. Waldenice Moreira Cano e faz parte do Projeto de Pesquisa Marcas de Uso e Marcas Temáticas em Dicionários de Língua Portuguesa.

² UFU – Instituto de Letras e Linguística – 38408-100 – Uberlândia – MG – Brasil. Endereço eletrônico: wmcano@triang.com.br

³ ULBRA – Instituto Luterano de Ensino Superior – 75503-480 – Itumbiara – GO – Brasil. Endereço eletrônico: danielaparacatu@hotmail.com

adquirido por esse povo em determinado momento da história. Assim, o dicionário é (ou deveria ser) o veículo de acesso a esse saber sócio-cultural e científico dominante, que deve ser aprendido, adquirido.

Segundo Dubois e Dubois (1971, p.103), nos primeiros repertórios monolíngües do francês, privilegiavam-se os neologismos literários em detrimento das terminologias, qualificadas de abomináveis e inúteis para o homem culto da época. Somente em princípios do século passado, a imagem do “homem literário” foi sendo substituída pela de “homem técnico”, ou seja, a do especialista em determinado campo do saber. Essa atitude é reflexo da transformação da cultura, determinada pelo avanço técnico-científico, haja vista a significativa porcentagem de terminologias num dicionário de língua. Aliás, é a quantidade de unidades especializadas que determina o tamanho de um dicionário de língua, já que o léxico comum tende a ser estável (BOULANGER, 1994, p.258). A presença ou não dessas unidades no dicionário de língua revela o avanço científico de uma época. Muitos termos presentes num dicionário num momento são abolidos em outro, quando o referente nomeado evolui ou se torna obsoleto.

Diante desse dinamismo do léxico, os lexicógrafos deparam-se com a difícil tarefa de codificar o saber lingüístico de uma comunidade em uma determinada época. No Brasil, vários grupos, em diferentes universidades brasileiras, estão procurando criar e desenvolver bancos de dados, principalmente terminológicos e neológicos, com o objetivo de sistematizar e registrar o léxico pertencente a várias áreas do conhecimento; porém, a realidade que enfrentamos em relação à produção lexicográfica e a forma como os lexicógrafos inserem novas unidades especializadas nos dicionários é de maneira geral desprovida de critérios, tanto para a organização dos verbetes, como para a escolha das unidades que compõem a nomenclatura do dicionário, sem falar das definições, quase sempre herméticas para o público leigo.

Neste trabalho vamos analisar as unidades especializadas da área da Informática, oriundas da língua inglesa, inseridas em Ferreira (2001), doravante *Aurélio Séc XXI*.

Partiu-se, desde o início, da premissa de que a língua inglesa vem invadindo as áreas tecnológicas e científicas e trazendo com as novas invenções e métodos as unidades lexicais que os nomeiam. Assim, acreditamos que um bom dicionário de língua geral deva estabelecer critérios para inserir e definir essas unidades.

Estrangeirismos e empréstimos lingüísticos

Segundo Alves (1990), denomina-se *estrangeirismo* a primeira etapa por que passa a palavra oriunda de outra língua. Nesse nível, ela é sentida como externa à língua importadora. O estrangeirismo costuma ser empregado em contextos relativos a uma cultura alienígena, externa à língua enfocada. Nesses casos, imprime à mensagem a “cor local” do país ou da região estrangeira a que faz referência (ALVES, 1990, p.72-73).

Sucedo o *neologismo por empréstimo*, quando o termo advindo de uma outra língua passa a ser usado freqüentemente pelos usuários da língua importadora. O emprego freqüente de um determinado termo estrangeiro é um dos critérios que fazem com que esse estrangeirismo se torne um empréstimo. Se, ao ser importada, uma palavra passa a ser muito veiculada pela imprensa e muito utilizada nos atos de fala, o falante da língua importadora passa a não mais senti-la como externa à sua língua, começando a vê-la como palavra integrante do seu acervo lexical.

Ao analisarmos morfossintaticamente as palavras estrangeiras, percebemos que algumas delas já formam derivados e compostos em nossa língua. Por isso, elas não devem mais ser classificadas como palavras estrangeiras e, sim, como empréstimo, pois, de acordo com Alves (1990), a formação de compostos e derivados é um segundo motivo para que sejam assim designadas.

Destacamos que, em nosso trabalho, classificaremos como estrangeirismos todas as unidades que ainda não sofreram adaptação ao português, ou seja, são registradas em sua forma original,⁴ e empréstimos lingüísticos aquelas que já estão adaptadas ao nosso sistema, seja por adaptação fonológica, morfológica ou semântica, não causando, assim, esse estranhamento relatado pela autora.

No nosso *corpus*, podemos inferir que o dicionarista, ao registrar as unidades que se encontram em fase de estrangeirismo, antecedeu-as por uma seta (→) na entrada do verbete; os empréstimos, ao contrário, não trazem nenhuma diferenciação; são vistos como lexemas já integrados ao português. Possivelmente o mestre Aurélio reconhecia a diferença entre empréstimo lingüístico e estrangeirismo. Verificamos em nossa pesquisa que, em sua maioria, as unidades lexicais inseridas no *Aurélio XXI* encontram-se na fase neológica de estrangeirismos.

Os empréstimos podem ser classificados, ainda, em decalque, adaptação e incorporação (CARVALHO, 1984).

⁴ Optamos por seguir essa classificação, pois, ao que parece, é a mesma utilizada por FERREIRA (2001). Entretanto, há autores que não concordam. Corrêa (2004, p.102), por exemplo, alega que não há estrangeirismos. Segundo a autora, sempre que existe importação de uma unidade lexical, existe a adaptação dessa unidade à estrutura da língua de chegada, ainda que essa adaptação seja imperceptível em alguns casos.

O *decalque* é a tradução, de maneira literal, da palavra estrangeira. Por exemplo: *Operational System – Sistema Operacional*.

A *adaptação*, que pode ser fonética, morfológica e ortográfica, se estabelece quando a palavra estrangeira se adapta ao sistema da língua importadora. Realiza-se, em geral, quando o termo alógeno já foi adotado há muito tempo pela cultura importadora, como, por exemplo, *becape*.

A *incorporação* ocorre quando a unidade lexical adotada sofre alterações fonéticas, mas conserva a sua grafia original. Ocorre no caso de siglas como: *Bps; bit per second/ bit por segundo*, em que não utilizamos a pronúncia em inglês.

Análise dos dados

Extraímos, manualmente, todas as unidades do *Aurélio XXI* marcadas simultaneamente como oriundas do inglês e pertencentes à área da Informática. Foram coletadas um total de 122 unidades abaixo discriminadas:

Estrangeirismos

Consideramos estrangeirismos as unidades lexicais registradas ainda na língua inglesa, que não sofreram nenhuma alteração e que no *Aurélio XXI* estão antecedidas por uma seta (→):⁵ *alias, array, assembler, backbone, backup*⁶, *basic, batch, bit, bookmark, boot, browser, buffer, bug, bite, cache, CASE, chat, clipboard, cluster, default, download, drive, driver, enter, exabyte, fax-modem, gateway, hacker, hardware, help, homepage, hyperlink, input, internet, job, joystick, kilobit, kilobyte, laptop, link, LISP, lock, log, login, logoff, loop, mainframe, master, megabit, megabyte, modem, mouse, notebook, off-line, on-line, palmtop, pixel, plotter, postscript, prompt, scanner, script, setup, site, software, terabyte, time-sharing, upgrade, upload, web*.⁷

Empréstimo por adaptação

Incluem-se nesse grupo as unidades lexicais que já sofreram alteração de âmbito fonético, fonológico e morfológico, ou seja, já se adaptaram ao sistema

⁵ É possível que algumas dessas unidades já tenham sofrido adaptação fonética, mas como o dicionário não faz menção a isso, nem traz a transcrição fonética, foram consideradas por nós como estrangeirismos.

⁶ Apesar de já termos a forma adaptada (*becape*) o dicionário ainda traz a forma original.

⁷ As unidades *enter* e *web*, apesar de estrangeirismos, não são registradas no *Aurélio XXI* antecedidas pela seta.

da língua portuguesa: *acessar, becape, conectar, console, deletar, disquete, encriptar, escanear, hipermídia, inicialização, inicializar, interface, zum.*

Empréstimo por decalque

Entendemos por decalque as unidades lexicais que sofreram tradução literal. Listamos aqui a forma registrada na língua estrangeira e sua respectiva tradução, visto que o *Aurélio XXI* traz as duas realizações, e, em todos os casos abaixo, a entrada aparece na língua estrangeira remetendo-se à unidade lexical já traduzida; ou seja, por exemplo, ao procurar → *alias*, o consulente terá uma remissiva para *atalho*. Assim temos: *alias/atalho; array/vetor; assembler/montador; boot/iniciação; browser/navegador; chat/papo virtual; clipboard/área de transferência; cluster/grupamento; desktop publishing/editoração eletrônica; drive/acionador; HD/disco rígido; help/ajuda; hyperlink/elo de hipertexto, inicialização/iniciação; input/entrada; Internet/também se diz rede; lock/bloqueio; setup/configuração; site/sítio; fazer upload/carregar; rato/mouse.*

Empréstimos por incorporação

A incorporação ocorre quando a unidade lexical adotada sofre adaptações fonéticas, mas conserva a sua grafia original. Para esse caso, selecionamos em sua totalidade as siglas, pois não utilizamos a pronúncia em inglês.⁸ Essas unidades são registradas no *Aurélio XXI* precedidas pelo símbolo □: *ASCII, BBS, BPS, CAD, CAD/CAM, CD-ROM, COBOL, CPU, DOS, DTP, EPROM, FORTRAN, GB, HD, HDD, HTML, KB, MIDI, Mb, OS, PROLOG, SQL, URL.*

Fraseologias

Neste grupo, listamos as fraseologias híbridas, ou seja, em que um dos elementos permanece na língua de origem: *bit de paridade, dar boot, cursor do mouse, disco de boot, fazer um download, loop infinito, papo on-line, fazer upload, interface de comando, interface de usuários.*⁹

O gráfico abaixo registra quantitativamente as ocorrências da classificação proposta por nós. Assim, concluímos que a maior parte das unidades lexicais registradas no *Aurélio XXI* ainda se encontra em estado de estrangeirismo.

⁸ Alguns profissionais da área leram para nós as unidades coletadas e constatamos, em sua maioria, adequação ao sistema fonológico da língua portuguesa.

⁹ A unidade *Interface* já está adaptada ao sistema lingüístico do português.

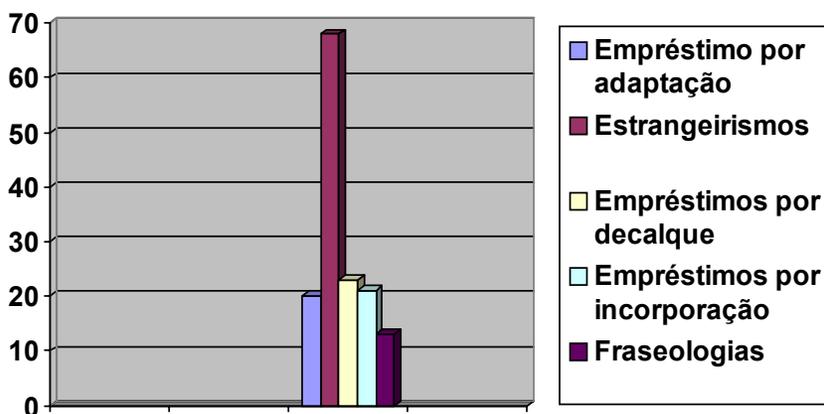


Gráfico 1 – Ocorrências de empréstimos, estrangeirismos e fraseologias

Considerações acerca da inserção das unidades acima no Aurélio XXI

Quanto às marcas de inserção

1. embora o *Aurélio XXI* não explicita, inferimos que as unidades lexicais que ainda se encontram em fase de estrangeirismo, ou seja, que ainda não sofreram adaptações ao sistema lingüístico do português, são sempre precedidas por uma seta (→). As unidades *enter* e *web*, entretanto, não são precedidas pela seta, e, do nosso ponto de vista, não sofreram ainda processos de adaptação ao português.
2. as unidades lexicais já incorporadas ao português não trazem nenhuma marca de inserção, a não ser a informação sobre a origem;
3. as siglas são sempre precedidas por um pequeno quadrado (□).

Quanto às marcas de origem

Um aspecto que nos chamou atenção ao coletarmos os dados de nossa pesquisa diz respeito à maneira como o dicionário em questão organiza as marcas referentes à origem. Encontramos as mais diversas classificações:

- a) anglicismo: *inicialização* [De inicializar + -ção; ingl. initialization.] S. f. **Angl. Inform.** 1. V. iniciação (8 a 10).

- b) do inglês: *hacker* [**Ingl.**, substantivo de agente do v. to hack, 'dar golpes cortantes (para abrir caminho)', anteriormente aplicado a programadores que trabalhavam por tentativa e erro.
- c) adaptação do inglês: *acessar* [De acesso + -ar²; **adapt. do ingl.** (to) access.]
- d) acrônimo do inglês: □ASCII (ásqui). [**Acrôn. do ingl.** American standard code for information interchange, 'código padrão americano para intercâmbio de informações'.] Inform.
- e) abreviação do inglês: □MIDI [**Abrev. do ingl.** Musical Instrument Digital Interface.] Inform.
- f) aportuguesamento do inglês: *escanear* [**Aport. do v. ingl. to scan**, 'examinar, correndo os olhos'; 'percorrer a superfície de'; v. -ear².]

Quanto às siglas, em sua maioria, apresentam a marca 'do inglês'. Assim, inferimos que, para o dicionarista, não está claro o que é um anglicismo, ou aportuguesamento do inglês, bem como a generalização 'do Inglês' encontrada na maioria das entradas.

Quanto à pronúncia

O *Aurélio XXI* não traz transcrição fonética. No caso dos estrangeirismos, em alguns casos, é registrada uma forma aproximada da pronúncia da unidade, como em □ASCII (*ásqui*). Mas em muitas unidades, que possivelmente deixariam o consulente em dúvida, não há registro de pronúncia. Em →**CASE**, ou →*gateway*, →*alias* por exemplo, não sabemos como pronunciar tais lexemas, se na forma original do inglês ou se a adaptamos ao sistema do português. Se tomarmos como parâmetro a seta precedida, inferimos que os pronunciamos como na língua de origem; mas podemos questionar o caso das siglas, que em sua maioria são adaptadas ao nosso sistema fonético, como em *bps*, no inglês /bi pi és/ e no português /be pe éssi/. Aliás, esse é um problema para o dicionarista. Sabemos que, para qualquer forma estrangeira, sempre vai haver incorporação, de alguma maneira, ao sistema fonológico da língua de chegada, mesmo que o dicionário indique a pronúncia da palavra na língua de partida. Ou seja, os falantes irão pronunciar a unidade adaptando os fonemas ao seu sistema lingüístico, como em *software*, em que o falante pronuncia algo como *sófiter*. Assim, não podemos falar em estrangeirismos com todo esse rigor que a classificação proposta sugere.

Informação quanto ao gênero gramatical

Em sua maioria, os substantivos do *corpus* coletado são do gênero masculino. Entretanto, na língua inglesa, a objetos, coisas, animais geralmente não se atribuem gênero, salvo algumas exceções. Podemos inferir, assim, que o fato de o *Aurélio XXI* atribuir um gênero a todos os estrangeirismos (adaptados ou não ao português) já é um indício da incorporação da unidade estrangeira ao léxico do português. Entretanto, no caso das siglas, não há informação sobre o gênero no referido dicionário, mas, em português, mesmo em relação a siglas, podemos inferir o gênero através da anteposição do artigo. Em “a CPU”, por exemplo, atribuímos o gênero feminino. Esse é mais um argumento para não afirmarmos com rigor que os estrangeirismos são as unidades que ainda não sofreram alterações na língua de chegada.

Remissivas e circularidade

Quanto ao registro das definições, verificamos que, de maneira geral, os estrangeirismos, ou seja, as unidades lexicais que o *Aurélio XXI* registra precedidas por uma seta (à) têm suas definições na entrada da forma estrangeira quando não há um correspondente na língua portuguesa; para os correspondentes, a definição é feita em tal entrada. Por exemplo:

backbone

[Ingl., lit. ‘espinha dorsal’.]

S. m. Inform.

1. Rede de computadores capaz de transmitir e processar dados em alta velocidade, responsável por garantir o tráfego de informações entre redes menores a ela ligadas.
2. A parte de uma rede de computadores, ou sua estrutura física, que suporta o maior tráfego de informações.

No caso supracitado, não há um equivalente em língua portuguesa:

boot

[Ingl., abrev. de bootstrap, lit., ‘correia de bota’, us. na expr. by one’s own bootstraps, ‘por seus próprios meios’.]

S. m. Inform.

1. V. iniciação (8).

Assim, neste caso, a definição se faz na forma correspondente desse verbete em língua portuguesa – *iniciação* (8). E, ao observarmos a definição, notamos que o dicionarista faz menção ao correspondente em língua inglesa:

iniciação

8. Inform. Processo pelo qual um computador ou periférico é preparado para uso, e que compreende rotinas automáticas de teste dos seus componentes, carga do sistema operacional e, por vezes, a identificação do usuário e a restauração dos parâmetros de sua configuração personalizada. [Corresponde ao ingl. boot.]

Entretanto, a regra descrita acima não é coerente. Em nossa pesquisa, verificamos alguns casos em que a definição da unidade lexical registrada como estrangeira aparece nesta entrada e não na do equivalente em língua portuguesa:

backup

[Ingl., 'substituto, reserva']

S. m. Inform.

1. Procedimento, método ou unidade empregados em caso de falha do procedimento, do método ou da unidade do computador original ou principal.

2. Cópia de um arquivo, que é guardada como reserva para o caso de destruição ou inutilização do arquivo original; cópia de segurança.

[Tb. usado adjetivamente, após um substantivo, e ligado ou não a este pela preposição de.]

[F. aport.: becape.]

becape

[Aport. do ingl. backup.]

S. m. Inform.

1. V. backup.

Também em *chat* a definição se faz na forma estrangeira e indicam-se sinônimos, que nos remetem, por sua vez, à forma estrangeira:

chat

[Ingl., 'conversa informal']

Inform.

1. Forma de comunicação através de rede de computadores (ger. a Internet), similar a uma conversação, na qual se trocam, em tempo real, mensagens escritas; bate-papo on-line, bate-papo virtual, papo on-line, papo virtual.

bate-papo on-line - Inform. V. chat.

bate-papo virtual - Inform. V. chat.

Papo on-line - Inform. V. chat.

Papo virtual - Inform. V. chat.

Acreditamos ser necessário investigar qual a forma mais usual, e aí registrar as definições, indicando as remissivas menos usadas.

Outro caso em que a definição se dá na forma estrangeira, com indicação

de equivalentes, mas os tais equivalentes não são necessariamente sinônimos da forma estrangeira, embora, no Brasil, já sejam usados como tal:

homepage

[Ingl., lit., 'página original' ou 'página de base'.]

S. f. Inform.

1. Página de entrada em um site da Web, ou de outro sistema de hipertexto ou de hipermídia, que ger. contém uma apresentação geral e um índice, com elos de hipertexto que remetem às principais seções de conteúdo do site, visando facilitar a navegação pelo sistema; página inicial, página default.

[Usa-se, impr., como designação de qualquer página da Web, ou mesmo, por sinédoque, de todo um site.]

[A forma mais correta, e mais us., em ingl. é home page.]

No Brasil, pela nossa experiência, cremos que o termo *homepage* não é tão freqüente. Já foi decalcado para *página da web*, ou simplesmente, *página*, embora, com essa redução sintagmática, haja uma sobreposição de traços sêmicos. Utilizamos *página* seja para indicar a página principal, que contém os elos para os principais conteúdos, como para qualquer desses elos ou mesmo para todo o conteúdo de um site.

Mas voltemos à questão das remissivas. Em *homepage*, o dicionário nos dá como sinônimos *página inicial*, *página default*. Assim, buscamos tais definições na entrada *página* e constatamos que não há registros no dicionário dessas unidades, mas, sim, *página da WEB*.

página

Inform. Página da Web (q. v.), ou, p. ext., site ou homepage.

Página da Web

1. Qualquer documento que se pode consultar na Web em uma localização ou endereço específico (a sua URL de identificação). [É composto de um arquivo básico, codificado em HTML, e que pode indicar (por meio de elos) e requerer outros arquivos complementares, como, p. ex., de imagens ou de sons, e scripts.] [Tb. se diz apenas página.]

É interessante observar que o *Aurélio XXI* registra a definição de *site* em *sítio* (forma mais usada em Portugal), como vimos acima; entretanto, sabemos que, no Brasil, a forma consagrada é *site* (ou *página*), como o comprova o próprio dicionarista, ao nos indicar a remissiva de *página* para *site*. Mesmo na elaboração das definições o uso de *site* é recorrente.

Os casos de circularidade no *Aurélio XXI* não são raros. Alguns, em particular, chamaram a nossa atenção: a definição perdeu-se no caminho, não solucionando a dúvida do consulente. Vejamos:

lock

[Ingl.]

S. m. Inform.

1. V. bloqueio.

A entrada acima remete para *bloqueio*, mas ao buscarmos a entrada *bloqueio*, verificamos que não há nenhuma definição desse verbete no que tange à área da Informática:

Com relação, ainda, às remissivas e à cicularidade, vejamos o que ocorre ao buscarmos a entrada *clipboard*:

clipboard

[Ingl., 'prancheta para escrever, dotada de prendedor de papéis', de clip, 'prendedor' + board, 'prancha'.]

S. m. Inform.

1. V. área de transferência.

Área de transferência

1. Inform. Área de memória (q. v.) controlada pelo usuário, destinada ao armazenamento temporário de informações para troca entre programas, ou para uso em outras rotinas dum mesmo programa.

Área de memória

1. Inform. Fração da memória (13),¹⁰ us. para armazenamento de dada informação, ou com uma finalidade específica (como, p. ex., a área de memória de vídeo).

memória

15. Inform. Dispositivo em que informações podem ser registradas, conservadas, e posteriormente recuperadas;

O dicionarista registra os sinônimos *armazenador* e *dispositivo de armazenamento*, mas esses verbetes não dizem respeito à Informática. Enfim, nenhuma das remissivas retorna o consulente para a busca inicial *clipboard*. Outros casos semelhantes:

- *cluster* – remissiva para *grupamento*; mas em grupamento não há menção de *cluster*;
- *help* – remissiva para *ajuda*, porém, na remissiva na há menção do correspondente em inglês;
- Setup – remissiva para *configuração*, sem indicação do correspondente na língua inglesa.

¹⁰ O Aurélio XXI remete a *memória* (13), mas na verdade trata-se de *memória* (15).

Um caso interessante diz respeito à unidade *scanner/escanear*. O *AurélioXXI* registra o substantivo na forma inglesa, mas no caso do verbo, traz a forma decalcada *escanear* e o deverbal *escaneamento*.

Considerações finais

Procuramos, com este trabalho, tecer comentários sobre os estrangeirismos da área da informática acolhidos pelo *Dicionário AurélioXXI*. Verificamos que esses registros não são coerentes e que faltam critérios para sua inserção.

CANO, W. M.; PRADO, D. de F. Loan Words related to Computers in the *Aurélio XXI* dictionary. *Alfa*, São Paulo, v.50, n.2, p.265-276, 2006.

- *ABSTRACT: This work aims to be a reflection about the insertions of loan words from English in the Aurélio XXI dictionary, all related to the area of Computers. After collecting and analysing data, we noticed that there is not a delimitation of criteria to the insertion of new words, which appear as Portuguese units and as loan words.*
- *KEYWORDS: Lexicology; lexicography; loan words; foreign words.*

Referências bibliográficas

- ALVES, I. M. *Neologismo: criação lexical*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.
- BOULANGER, J.-C. L'aménagement du lexique spécialisé dans le dictionnaire de langue: du prélexicographique au microstructurel. In: MARTEL, P. ; MAURIS, J. (Dir.) *Langues et sociétés en contact*. mélanges offerts à Jean-Claude Corbeil. Tübingen : Max Niemeyer, 1994. p.253-268.
- CARVALHO, N. *Empréstimos lingüísticos*. São Paulo: Ática, 1984.
- DUBOIS, J.; DUBOIS, C. *Introduction à la lexicographie*: le dictionnaire. Paris, Larousse, 1971.
- FERREIRA, A. B. H. *Novo Aurélio séc. XXI*: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- PRADO, D.F. *Uma análise das inserções dos empréstimos lingüísticos da área da informática no Dicionário Aurélio XXI*. 2006. 139f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Letras e Lingüística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.